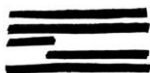


A CENSURA E OUTROS LIMITES



Fortaleza-CE, 2020

COLEÇÃO HISTÓRIA SOCIAL

01. FUTURO DO PRETÉRITO: ESCRITA DA HISTÓRIA E HISTÓRIA DO MUSEU

Manuel Luiz Salgado Guimarães e Francisco Régis Lopes Ramos (Organizadores)

02. FORTALEZA SOB OUTROS OLHARES – GÊNERO

Mário Martins Viana Júnior, Carlos Henrique Moura Barbosa e Raquel da Silva Alves (Organizadores)

03. FORTALEZA SOB OUTROS OLHARES – TRABALHO & POLÍTICA

Mário Martins Viana Júnior, Carlos Henrique Moura Barbosa e Raquel da Silva Alves (Organizadores)

04. FORTALEZA SOB OUTROS OLHARES – CULTURA & CIDADE

Mário Martins Viana Júnior, Carlos Henrique Moura Barbosa e Raquel da Silva Alves (Organizadores)

05. POR LINHAS TORTAS: GÊNERO E INTERDISCIPLINARIDADE – I

Mário Martins Viana Júnior, Viviane Teixeira Silveira, Cláudia Regina Nichnig e Patrícia Rosalba Salvador Moura Costa (Organizadores)

06. POR LINHAS TORTAS: GÊNERO E INTERDISCIPLINARIDADE – II

Mário Martins Viana Júnior, Viviane Teixeira Silveira, Cláudia Regina Nichnig e Patrícia Rosalba Salvador Moura Costa (Organizadores)

07. CEARÁ: ECONOMIA, POLÍTICA E SOCIEDADE – SÉCULOS XVIII E XIX

Mário Martins Viana Júnior, Rafael Ricarte da Silva e Gabriel Parente Nogueira (Organizadores)

08. CULTURA E MEMÓRIA: OS USOS DO PASSADO NA ESCRITA DA HISTÓRIA

Francisco Régis Lopes Ramos e Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho (Organizadores)

09. IMAGINÁRIO E CULTURA

Aline da Silva Medeiros, Kênia Sousa Rios e Meize Regina de Lucena Lucas (Organizadoras)

10. NATUREZA E CULTURA: CAPÍTULOS DE HISTÓRIA SOCIAL

Eurípedes Funes, Kênia Sousa Rios, Ana Isabel Cortez e Emy Falcão Maia Neto (Organizadores)

11. HISTÓRIAS, ARQUIVOS & MÍDIAS DIGITAIS

Marilda da Silva e Ana Célia Rodrigues (Organizadoras)

12. O MASSACRE DO CALDEIRÃO: HISTÓRIA ORAL DO 11 DE SETEMBRO DE 1936

Francisco Régis Lopes Ramos

13. TEMPO, CULTURA E MEMÓRIA

Kênia Sousa Rios e Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho (Organizadores)

14. EM TORNO DA NARRATIVA

Daniel Alencar de Carvalho, Gilberto Gilvan Souza Oliveira, José Dêrcio Braúna e José Maria Almeida Neto (Organizadores)

15. A CENSURA E OUTROS LIMITES

Francisco Régis Lopes Ramos, José Dêrcio Braúna e Meize Regina de Lucena Lucas (Organizadores)

FRANCISCO RÉGIS LOPES RAMOS
JOSÉ DÉRCIO BRAÚNA
MEIZE REGINA DE LUCENA LUCAS
organizadores

A CENSURA E OUTROS LIMITES

Coleção História Social

COORDENAÇÃO . Kênia Sousa Rios

Conselho Editorial

Paulo Knauss (UFF)

Tânia Regina de Luca (UNESP)

Aline Montenegro (Museu Histórico Nacional)

Edilberto Cavalcante Reis (UECE)

Júnia Sales Pereira (UFMG)

Maria Auxiliadora Schmidt (UFPR)

Rafael Zamorano Bezerra (Museu Histórico Nacional)

Maralaz de Castro Vieira Christo (UFJF)

Lúcia Rodrigues Alencar (Instituto Frei Tito de Alencar)

Kênia Sousa Rios (UFC)

José Neves Bitencourt (IPHAN)

Concepção gráfica (capa e diagramação) . Organizadores

Imagem da capa . Cena do filme *Terra em transe*, de Glauber Rocha, 1967. Imagem disponível no site da Academia Internacional de Cinema (<https://www.aicinema.com.br/cinema-novo/>).

Imagens internas . Composições a partir de imagens disponíveis em: <https://br.pinterest.com/>.

Execução gráfica e impressão . Expressão Gráfica e Editora

Revisão de edição . Organizadores

Catálogo na Fonte: Biblioteca Perpétua Socorro T. Guimarães – CRB 3 801

A censura e outros limites / Francisco Régis Lopes Ramos, José Dércio Braúna e Meize Regina de Lucena Lucas [organizadores]. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2020.

292 p.

ISBN: 978-65-5556-156-2

1. Censura 2. Censura – Brasil – História – Século XX
3. Censura – Arte – Cinema – Literatura. 4. Censura – Jornais.
5. Censura – Portugal – Século XX. 6. Censura – Televisão.
7. Censura – Historiografia. I. Título

CDD: 981

Apoio:

SUMÁRIO

Apresentação	
<i>Organizadores</i>	[07 – 17]
01.	
Archivists killed for political reasons	
<i>Antoon De Baets</i>	[21 – 35]
02.	
Censura e polícia política no Estado Novo de Salazar. A lágrima heroica e o riso amargo no teatro e na vida de Sttau Monteiro	
<i>Luís Reis Torgal</i>	[36 – 63]
03.	
Televisão, família e mudança: o debate sobre um tempo da imagem na revista Pais e Filhos (1969-1981)	
<i>Ana Rita Fonteles Duarte</i>	[64 – 85]
04.	
“Hoje em dia, a partir dos 10 anos de idade, o interesse da criança e do adulto é igual”: a revista <i>Filme Cultura</i> levando o livre para debate	
<i>Valesca Gomes Rios</i>	[86 – 101]
05.	
Um labirinto na torre de vigília: uma perspectiva da censura à publicidade vista a partir dos documentos do Arquivo Nacional (Brasília)	
<i>Jailson Pereira da Silva</i>	[102 – 119]
06.	
As diretas e a censura	
<i>Ramona Jeronimo Pinheiro</i>	[120 – 132]
07.	
“Censura não, responsabilidade sim”: a TV como preocupação nos escritos da Escola Superior de Guerra e de Fausto Wolff durante a ditadura civil-militar (1964-1985)	
<i>Caio Brito Barreira / Milena Azevedo de Menezes</i>	[133 – 147]

Este livro teve parte de suas pesquisas financiadas pelo CNPq, no âmbito do edital MCTI/CNPQ/MEC/CAPES n. 22/2014 - CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E SOCIAIS APLICADAS, com o projeto “Por entre imagens e textos: censura e cinema no Brasil (1964-1985)”, coordenado pela Profa. Dra. Meize Regina de Lucena Lucas. Os professores de Antoon De Baets (Universidade de Groningen) e Luís dos Reis Torgal (Universidade de Coimbra) receberam a investigadora em suas universidades no período de pós-doutoramento realizado em 2013. Sob a supervisão do primeiro, permaneceu um semestre na Universidade de Groningen com bolsa Capes.

Arquivistas mortos por razões políticas

DE BAETS, ANTOON^I

Tradução: Karoline Viana Teixeira^{II}
Revisão técnica: Meize Regina de Lucena Lucas^{III}

“Alarmamos o mundo com informações detalhadas sobre o maior crime da história, e continuamos nossa atividade de arquivo.”

Emanuel Ringelblum, historiador e arquivista polonês, em carta à YIVO em Nova York, 1º de março de 1944 (nove dias antes de ser assassinado).¹

“Não haverá mais diário. A verdadeira razão é que me sinto culpado por escrevê-lo. Por algum tempo, eu senti no íntimo que estava explorando as tragédias e sacrifícios da minha equipe, especialmente aqueles que perderam suas vidas.”

Saad Eskander, diretor da Biblioteca e Arquivo Nacional do Iraque, última entrada de seu diário (novembro de 2006 a julho de 2007).²

Escrever a história torna-se fatal quando governantes ou outros que temem representações indesejáveis do passado decidem matar os escritores como a forma mais rápida de silenciar suas palavras.³ Manter registros é parte da atividade de escrever a história em sentido amplo. Arquivistas envolvidos na coleta ativa e em tornar dados históricos acessíveis fornecem a matéria-prima para essas representações indesejáveis do passado e, ao fazê-lo, às vezes correm riscos. Embora muitos arquivistas tenham sido perseguidos na história mundial,⁴ poucos casos culminaram em morte. O presente ensaio é sobre este grupo extremo.

I. **Antoon de Baets** é professor de História, Ética e Direitos Humanos na Universidade de Groningen, Holanda. Tem 185 publicações, incluindo o livro *Responsible History* (Nova York e Oxford: Berghahn 2009). Desde 1995, coordena a Rede de Historiadores Preocupados. Ele está trabalhando em *Varieties in the Censorship of History* [*Variedades na Censura da História*, título provisório], um livro sobre formas violentas de censura e resistência a tais práticas (Londres: Routledge [2018]). Ele também estuda temas como a relação entre escrita histórica e democracia, o quadro jurídico da escrita histórica e uma abordagem dos direitos humanos em relação ao passado. O CV completo está em: <http://www.concernedhistorians.org/va/cv.pdf>. Professor de História, Ética e Direitos Humanos, Univ. de Groningen, Holanda (contato: a.h.m.de.baets@rug.nl).

II. Doutora em História pela UFC.

III. Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UFC.

Critérios de inclusão

Ao longo dos anos, este autor construiu um banco de dados de produtores de história que se tornaram vítimas de assassinato político durante a história. “Produtores de história” são todos os envolvidos — profissionalmente ou não — na coleta, criação ou transmissão da história, incluindo nessa definição os arquivistas. Os assassinatos investigados compreendem não apenas assassinatos políticos no sentido estrito — ou seja, execuções extralegais, sumárias e arbitrárias —, mas também execuções judiciais por razões políticas, mortes súbitas em prisões ou campos e suicídios devido à severa pressão política.⁵ Assassinatos por motivos não políticos foram excluídos: os produtores de história no banco de dados foram mortos *porque* eram produtores de história ou *porque* eram membros de categorias tais como acadêmicos, intelectuais, jornalistas, defensores de direitos humanos ou ativistas políticos ou *porque* eram membros de grupos nacionais, raciais, étnicos ou religiosos. Entre os 407 casos de produtores de história coletados a partir desses critérios, 19 eram arquivistas (4,7%). Estes casos foram observados em dez regimes de nove países espalhados por vários continentes, como mostra o quadro a seguir:⁶

Arquivistas mortos por razões políticas

Afeganistão (comunista): Mohammad Azam (?-[1978]), Jomah Gol(?-1979), Gholam Sakhi (?-1979).

Argélia (Guerra Suja): Khaled Aboulkacem ([1966]-1996).

Tchecoslováquia (ocupada pelos nazistas): Jaroslav Simsov (?-?).

Alemanha (nazista): Fritz Gerlich (1883-1934), Friedrich von Rabenau (1884-1945).

Iraque (Guerra Civil): Ali Salih (? -2006), Ahmed Salih (? -2006), Akil Sarhan (? -2006), Anônimo (? -2007).

Itália (fascista) - Alemanha (nazista): Ermanno Loevinson (1863-1943).

Polônia (ocupada pelos nazistas): Józef Siemieński (1882-1941), Zelig Kalmanovitch (1885-1944), Emanuel Ringelblum (1900-1944).

Romênia (comunista): Charles Borbáth (1931-1980).

URSS (stalinista): David Riazanov (nascido: David Goldendakh) (1870-1938), Arvid Drezen (1900-1938).

URSS (pós-stalinista): Vasyl Stus (1938-1985).

Fonte: compilado pelo autor.

O Grande Expurgo de Stalin

Tanto quanto se sabe, dois arquivistas foram mortos durante o Grande Expurgo de Josef Stalin em 1937-1938. O primeiro foi David Riazanov. Por

causa de suas atividades políticas marxistas, Riazanov passou a maior parte de seu tempo na prisão ou no exílio entre 1900 e a primavera de 1917. Desde 1907 estudava a história do marxismo e da Primeira Internacional (1864-1876) e, para esse fim, consultou os arquivos do Museu Britânico em Londres e os do Partido Social-Democrata Alemão em Berlim. Os últimos arquivos incluíam artigos de Marx e Engels, que ele editou e publicou. Mais tarde, ele se tornou um companheiro político próximo de Trotsky. Após seu retorno à Rússia, ele se juntou ao Partido Bolchevique, embora sua perspectiva reformista o tornasse crítico de quaisquer medidas políticas radicais; Riazanov se considerava um marxista, mas não um bolchevique ou menchevique. Ele liderou a nova Administração Central de Arquivo (Tsentrarkhiv ou Glavarkhiv) até ser substituído por Mikhail Pokrovsky, além de ter ajudado a fundar o Instituto Marx-Engels em 1921, instituição que dirigiu até sua demissão em 1931. Nessa função, publicou as obras coletadas de Marx e Engels (o MEGA ou Marx-Engels-Gesamtausgabe). Acadêmico desde 1929, Riazanov era conhecido por sua instrução erudita e isolada. Relutante a adaptar a linha do instituto aos caprichos da época, ele contratou mencheviques e outros “hereges”, incluindo o próprio Trotsky (expulso do Partido em 1927). Uma vez Lenin, de forma jocosa, disse que a URSS foi “uma ditadura atenuada por Riazanov.” Mas Stalin não apreciava sua língua afiada e independência intelectual.

Como exatamente se deu início à sequência de eventos que levariam à execução de Riazanov não é claro. No período que antecedeu o chamado Julgamento Menchevique de março de 1931 – um dos primeiros expurgos de Stalin – um ex-pesquisador associado a ele, Isaak Rubin, confessou sob tortura que Riazanov supostamente havia escondido documentos mencheviques em seu instituto. De acordo com outra versão, Riazanov foi falsamente acusado de esconder uma das cartas de Marx. Seja como for, em fevereiro de 1931 ele foi demitido e expulso do Partido. Acusado de “ser um agente do contrarrevolucionário menchevique” e de “arruinar atividades do front histórico”,⁷ ele foi preso e deportado. Durante seis anos trabalhou numa biblioteca universitária no seu local de exílio, Saratov. Enquanto isso, o Instituto Marx-Engels foi expurgado e fundido com o Instituto Lenin. Em 1937, Riazanov foi preso novamente, desta vez sob a acusação de ser “membro de uma organização trotskista oportunista de direita”. Sua própria origem judaica parece não ter desempenhado um papel importante. Em 21 de janeiro de 1938, o Collegium Militar da Suprema Corte da URSS emitiu uma sentença de morte contra Riazanov, fuzilado no mesmo dia. Nem em 1931 ou em 1938, Riazanov confessou qualquer culpa. Ele foi reabilitado legalmente em 1958 e politicamente, em 1989.⁸ Como Riazanov, Arvid Drezen foi um

participante ativo na Revolução de Outubro. Informações sobre ele são escassas. Arquivista de origem letã e decano do departamento de história da Universidade de Leningrado, foi preso em 1937, acusado de atividades contrarrevolucionárias e executado em 1938.⁹

Alemanha nazista e países ocupados

Os nazistas tiraram a vida de sete arquivistas. Dois deles eram oponentes ferrenhos de Adolf Hitler. O historiador e arquivista Fritz Gerlich trabalhou no Arquivo Nacional da Baviera. Ao longo dos anos, ele mudou suas opiniões políticas de conservadoras para liberais e, por fim, tornou-se um franco adversário do nazismo, inclusive como o editor-chefe do *Münchener Neueste Nachrichten* (Últimas Notícias de Munique) até 1928. Em seguida, Gerlich retornou ao Arquivo Nacional da Baviera, enquanto escrevia desde 1932 em seu influente semanário *Der Gerade Weg* (O Caminho Reto) contra todas as formas de extremismo político, particularmente o nazismo. Quando Hitler chegou ao poder em janeiro de 1933, o semanário foi atacado e Gerlich, detido e torturado. Em 30 de junho de 1934, os nazistas mataram pelo menos 80 oponentes durante o expurgo que ficou conhecido como a Noite dos Punhais. Gerlich foi levado para o campo de concentração de Dachau naquela noite e morto. Seu corpo foi queimado e as cinzas provavelmente foram enterradas anonimamente em um cemitério de Dachau.¹⁰

Friedrich von Rabenau foi um soldado de carreira de 1903 até 1942. Em 1936, foi-lhe atribuída a tarefa de estabelecer o primeiro arquivo central do exército alemão em Potsdam. Suas convicções cristãs o levaram a se opor ao nazismo. Aposentou-se cedo, aos 56 anos de idade, em 1942 com a patente de general. No rescaldo do plano fracassado de matar Hitler, em 20 de julho de 1944, no qual muitos militares de alto escalão estavam envolvidos, Von Rabenau, embora não fosse um dos conspiradores, acabou preso. Por volta de 10 de abril de 1945, ele foi fuzilado no campo de concentração de Flossenbürg sem acusação ou julgamento, por ordem do chefe da SS, Heinrich Himmler.¹¹

Já sobre o historiador e arquivista Ermanno Loewinson, judeu nascido na Alemanha que viveu na Itália e o arquivista Jaroslav Simsov, da Tchecoslováquia, temos informações pouco acuradas. Como já foi dito, Loewinson viveu na Itália fascista, onde foi demitido dos Arquivos de Estado da Bolonha em 1938 (após a promulgação das leis raciais) e deportado pelos nazistas em 1943. Ele morreu no campo de concentração de Auschwitz no mesmo ano. Simsov havia sido arquivista pessoal do presidente tcheco Tomáš Masaryk. Morreu acometido de tifo no campo de concentração de Dachau em data desconhecida.¹²

Os outros arquivistas viviam na Polônia quando o país foi invadido pelos nazistas, em setembro de 1939. Józef Siemieński, um historiador do direito que dirigiu o Arquivo Principal de Documentos Antigos (AGAD; 1920-1939), lutou para resgatar os registros do fogo durante o cerco de Varsóvia em setembro de 1939. Um patriota polonês, ele foi preso pela Gestapo e assassinado no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau em 1941.¹³ Os dois arquivistas restantes foram mortos por conta da identidade judaica. Zelig Kalmanovitch foi tradutor, linguista, historiador e arquivista. Em 1929, tornou-se diretor do Yidisher Visnshaftlekher Institut (YIVO: Instituto de Pesquisa Judaica) em Vilnius, então parte da Polônia. Enquanto esteve confinado ao gueto de Vilnius, ele manteve um diário secreto em hebraico, que se tornou uma importante fonte para documentar o cotidiano daquele lugar. Após a liquidação do gueto em setembro de 1943, ele foi enviado para o campo de concentração de Vaivara, na Estônia, onde morreu no inverno seguinte.¹⁴

Inicialmente, Emanuel Ringelblum não era um arquivista, mas um historiador conhecido nacionalmente. Após a ocupação da Polônia, ele manteve um diário e documentou o destino dos judeus perseguidos. Entre outubro e novembro de 1940, ele deu um passo além crucial ao estabelecer um grupo clandestino para narrar a vida no gueto de Varsóvia ocupada pelos nazistas. O grupo tinha o codinome iídiche Oyneg Shabes (“Deleite do Sábado”), porque geralmente se reunia nas tardes de sábado. Embora todos os membros do grupo — cerca de 50, 60 pessoas — estivessem envolvidos na coleta de documentos e muitos, portanto, desempenhassem de alguma forma o papel de arquivistas voluntários, eu só contei Ringelblum como um caso para minha análise. O objetivo de Ringelblum era compilar um arquivo que serviria de base para as gerações posteriores para reconstruir a história dos judeus a partir de sua própria perspectiva. Algumas das informações recolhidas foram enviadas para a resistência clandestina polonesa, que as contrabandeou para fora do país. A maioria dos documentos, no entanto, foram colocados em cerca de 20 caixas de metal e latas de leite, e então escondidos nas caves das casas de Varsóvia. Após a revolta no gueto em abril-maio de 1943, que resultaria na liquidação do lugar, o grupo Oyneg Shabes deixou de existir. Após a destruição do gueto, o próprio Ringelblum foi deportado para o campo de concentração de Trawniki, perto de Lublin, mas ele escapou e se escondeu. Ele acabou sendo pego, torturado e fuzilado junto com sua esposa e filho pela Gestapo na prisão de Pawiak, localizada no gueto de Varsóvia, por volta de 10 de março de 1944.¹⁵ Dos envolvidos no Oyneg Shabes, apenas três sobreviveram. Grande parte do arquivo foi recuperado em 1946 e em 1950.¹⁶

Mentor de Ringelblum, o historiador judeu Ignacy Schiper apoiou as iniciativas do Oyneg Shabes, mas participou do grupo apenas de forma tangencial.¹⁷ Schiper acabaria aprisionado no campo de concentração de Majdanek, no leste da Polônia. Dias antes de ser morto, no início de julho de 1943, ele se expressou de forma muito pessimista sobre o valor da coleta de registros. Se os registros fossem destruídos, ele disse a um companheiro preso, a história seria escrita pelos vencedores e a versão dos judeus não seria ouvida, mas esquecida. Se não fossem destruídos e caso uma versão judaica de eventos fosse escrita, ninguém iria acreditar porque ele iria revelar tanto sofrimento que aqueles que sobreviveram se sentiriam profundamente envergonhados por não ter feito nada. Ringelblum era mais otimista nesse aspecto; ele acreditava firmemente no poder duradouro de evidência.¹⁸

Como Kalmanovitch e Ringelblum, muitos outros judeus mantinham diários e coletavam fontes em guetos e campos, cumprindo assim a função de arquivistas da comunidade.¹⁹ O exemplo paradigmático desse desejo indomável de documentar a vida judaica para as gerações futuras foi o do historiador Simon Dubnov (1860-1941). A partir de 1891, ele apelou a todos os judeus que coletassem registros para documentar sua história. O próprio Dubnov foi um duplo exilado, tanto da URSS (em 1922) como da Alemanha nazista (em 1933). Semanas antes de sua morte, em dezembro de 1941, enquanto ele morava no gueto de Riga, na Letônia, sua biblioteca foi apreendida e ele foi obrigado a esconder seus manuscritos. Apartado de seu trabalho diário, ele começou a narrar a vida no gueto. Seus cadernos foram contrabandeados para alguns amigos da cidade.²⁰ Durante um dos ajuntamentos no gueto, foi assassinado por um oficial da Gestapo. De acordo com alguns testemunhos, esse oficial era Johann Siebert, um de seus ex-alunos.²¹ Mais tarde, a filha de Dubnov ouviu o boato de que seu pai exclamou repetidamente, minutos antes de sua morte: “Pessoas, não se esqueçam. Falem disso, pessoal; lembrem tudo isso”.²² Estas últimas palavras, um apelo à memória e ao dever, teriam passado de boca em boca. Sem dúvida, Dubnov poderia tê-las dito, mas se ele realmente as pronunciou nos momentos sombrios e trágicos que antecederam sua morte permanecerá uma incógnita para sempre.²³

Uma nota sobre a colaboração com os nazistas

Naqueles anos de guerra, três arquivistas morreram como resultado direto ou indireto de suas simpatias colaboracionistas ou atividades em nome dos nazistas. Como apoiadores dos agressores e não das vítimas, eles não figuram nesta análise: seria problemático considerar as vítimas do Holocausto e da perseguição política juntamente com colaboradores nazis. Como arquivistas

cujas mortes estavam intimamente relacionadas a fatores políticos e militares, no entanto, os colaboradores serão brevemente lembrados aqui. O caso do tcheco Gustav Pirchan (1881-1945) foi provavelmente o mais trágico. Arquivista de 1907 a 1933, Pirchan dirigiu a Associação para a História dos Alemães na Boêmia e Morávia (os Alemães dos Sudetos²⁴) de 1917 a 1940. Tornou-se professor de história medieval na Universidade Alemã de Praga em 1933, continuando ao mesmo tempo suas boas relações com o mundo arquivístico. Conhecido por suas opiniões e simpatias *Völkisch* (racial-nacionalistas), ele era politicamente moderado, no entanto. Ele continuou a trabalhar em Praga, no Protetorado da Boêmia e Morávia, estabelecido pelos nazistas durante a guerra. Preso após a derrota em maio de 1945 e detido na prisão de Pankrác, ele morreu em setembro do ano seguinte no antigo campo de concentração de Theresienstadt.²⁵

Dois arquivistas austríacos estavam muito mais ativamente engajados no regime nazista do que Pirchan e quando os nazistas perderam a guerra, ambos cometeram suicídio. O primeiro, arquivista e historiador Ludwig Bittner (1877-1945), trabalhou em posições de liderança na Haus-, Hof-und Staatsarchiv (Arquivo da Casa, Corte e Estado), em Viena. Um arquivista incansável e dedicado, mas também um ardente colaborador nazista antisemita, tornou-se membro do Reichsinstitut für Geschichte des neuen Deutschlands (Instituto para a História da Nova Alemanha do Reich) e diretor do Reichsarchiv Wien (Arquivo do Reich de Viena) em 1941. Enquanto isso, ele fez pesquisas sobre a questão da culpabilidade de guerra nos anos da Primeira Guerra Mundial — e teve arquivos do Ministério das Relações Exteriores sérvio transferidos para Viena para esse fim. Ele também incentivou a pesquisa antisemita. Em 2 de abril de 1945, com o fim da guerra à vista, ele cometeu suicídio junto com sua esposa.²⁶ Após a derrota, os colaboradores nazis que trabalhavam no Reichsarchiv, renomeado de Österreichische Staatsarchiv (Arquivos do Estado Austríaco), foram expurgados.²⁷

O segundo arquivista foi Edmund Glaise von Horstenau (1882-1946), um importante historiador militar que dirigiu o Kriegsarchiv de Viena (o Arquivo de Guerra, também incorporado após 1945 aos Arquivos Estatais Austríacos) de 1925 a 1938. Gradualmente mudando de monarquista para nazista na década de 1930, ele também embarcou em uma carreira política paralela. Tornou-se coronel e ministro do Interior. Nos dias anteriores à *Áustria Anschluss* (anexação da Áustria) à Alemanha nazista, em março de 1938, ele era vice-chanceler da Áustria. Em abril de 1941, foi nomeado general plenipotenciário alemão em Ustasha, Croácia. Ele se opôs às atrocidades cometidas pelos Ustasas até que ele foi deixado de lado em 1944. Glaise von

Horstenau acabou sendo capturado pelos americanos em Salzburgo em 5 de maio de 1945. Ele escreveu suas memórias na prisão. Mais tarde, foi convocado para o Tribunal Militar Internacional em Nuremberg para testemunhar em defesa do principal político nazista da Áustria, Arthur Seyss-Inquart. Deprimido e com a perspectiva de acusação na Áustria, ele se envenenou no campo de Langwasser, perto de Nuremberg, em 20 de julho de 1946. Um dia antes de seu suicídio, ele havia dado uma palestra diante de uma plateia de jovens detentos da Waffen-SS sobre a monarquia Habsburgo e como isso poderia inspirar o futuro da Europa.²⁸

Regimes comunistas na era pós-stalinista

Regimes comunistas pós-stalinistas também atacaram arquivistas. Nos cinco casos seguintes, os motivos para os assassinatos estavam ligados a temas tabu, como nacionalismo e religião, que entraram em conflito com os princípios ideológicos centrais do comunismo.

O primeiro caso é do dissidente ucraniano Vasyl Stus, um jovem poeta com formação em história que trabalhou nos Arquivos Históricos do Estado da Ucrânia em Kiev. Em setembro de 1965, ele participou de um protesto público contra as prisões de membros da *intelligentsia* ucraniana. Prontamente demitido, ele se tornou um ativista de direitos humanos e enfrentou 13 anos de prisão em um campo de trabalho, sob a acusação de agitação antissoviética e propaganda. Durante suas penas de prisão, centenas de seus poemas (muitos deles escritos na própria prisão) e traduções de poemas foram confiscados e destruídos. Após a publicação de alguns desses trabalhos no Ocidente, e especialmente depois que Heinrich Böll nomeou-o para o Prêmio Nobel de Literatura em 1985, a pressão contra ele se intensificou. No final de agosto de 1985, Stus foi jogado em uma solitária, onde, em protesto, ele declarou uma greve de fome “até o fim”. Vasyl Stus morreu na noite entre 3 e 4 de setembro de 1985. Foi enterrado em uma sepultura sem identificação no cemitério do campo de trabalho do regime especial Perm-36. Sua reabilitação veio em etapas. Em 1990, seus restos mortais foram trasladados e enterrados em Kiev. Em abril de 1991, a Sociedade Memorial All-Ukrainian, fundada em 1988, foi nomeada em sua homenagem. Em 1993, na Ucrânia, Stus recebeu postumamente o Prêmio Estadual de Literatura Taras Shevchenko.²⁹

Na Romênia, o corpo de Károly Borbáth, diretor da biblioteca de Bethlen em Aiud, Transilvânia, foi encontrado em 1980, assassinado em circunstâncias inexplicáveis. Borbáth era um medievalista que trabalhou voluntariamente ao longo de vários anos para organizar a coleção de arquivo do arquidiaconato da Igreja Reformada em Aiud, que data do final do século

XVIII e dedicado à vida religiosa da minoria húngara na Roménia. Assediado pela polícia de segurança, ele foi finalmente morto porque qualquer atenção ao conteúdo dos arquivos não era bem-vinda a um governo que era ateu e nacionalista (romeno). Os arquivos parecem ter sobrevivido.³⁰

O comunismo afegão tinha um tipo diferente de “adversários”. Na lista de prisioneiros mortos pelo Departamento de Interrogatório do Serviço de Segurança do Estado afegão, AGSA, sob o regime comunista afegão entre 1978 e 1979 (antes, portanto, da invasão soviética), aparecem os nomes de três arquivistas. Mohammad Azam, chefe do arquivo do Departamento de Justiça em Nejrab, leste do Afeganistão, e Gholam Sakhi, um funcionário do arquivo em Qala-i-Shada, em Cabul, foram acusados de serem “ikhwanis”, membros da Irmandade Muçulmana. Eles foram mortos em 1978 e 1979, respectivamente. Jomah Gol, um funcionário do Escritório de Arquivo e Registro de Khair Kot, na província de Paktika, foi chamado de “ashrar”, o que significa “vilão”, um termo utilizado pelo regime para supostos apoiadores dos *mujahedin* — muçulmanos que lutaram no caminho de Deus. Ele foi morto março de 1979.³¹

O Sul

O último grupo a considerar nesta visão geral é rotulado de “Sul”, por falta de um nome melhor. Não foram notificados casos na América Latina ou na África subsaariana, o que não implica dizer que não ocorreram nessas regiões. Além disso, os três casos afegãos, agora agrupados na categoria de regimes comunistas no grupo acima citado, poderiam muito bem ter sido colocados aqui.

Enquanto os afegãos provavelmente foram mortos por suas convicções religiosas, o caso a seguir é sobre um arquivista argelino morto por estar associado ao secularismo. Em 13 de janeiro de 1996, supostos atiradores islâmicos atacaram Khaled Aboulkacem, um arquivista e pesquisador do jornal *L'Indépendant*, quando deixava seu escritório em Argel. O jornal publicou vários editoriais condenando os extremistas islâmicos durante a Guerra Suja — o conflito interno entre o regime militar e fundamentalistas islâmicos (1992-2000), a que se credita a perda estimada entre 100 mil e 200 mil vidas. Um colega de Aboulkacem foi ferido durante o ataque.³²

Durante a violência sectária que desencadeou uma guerra civil no Iraque entre 2006 e 2007, pelo menos quatro arquivistas foram atingidos. Três deles pertenciam à Biblioteca Nacional e Arquivos do Iraque (INLA). Em novembro de 2006, Ali Salih, um membro da equipe responsável pelo site do INLA, foi assassinado por quatro homens ao sair de seu carro numa rua movimentada em

Bagdá. De acordo com o diretor do INLA, Saad Eskander, os assassinos de Ali Salih eram provavelmente membros de uma das milícias que haviam penetrado nas forças de segurança. Salih deixou esposa e dois filhos pequenos. Em 24 de dezembro de 2006, outro colaborador do INLA, Ahmed Salih, foi assassinado por um esquadrão da morte em sua própria casa. O terceiro caso foi mencionado numa entrada de diário sobre um arquivista xiita anônimo do INLA, executado em fevereiro de 2007. O último caso seguiu um padrão semelhante.³³ No final de dezembro de 2006, pistoleiros atacaram um carro com 12 pessoas na Rua Haifa, no distrito de Al-Karkh, em Bagdá. Akil Sarhan, um jornalista que trabalhava no departamento de arquivos do canal esportivo da TV al-Riyadia, foi um dos mortos. Embora seja difícil identificar com precisão o que motivou esses quatro assassinatos, a intolerância ao estudo e aprendizagem parece, em parte, uma explicação plausível.³⁴ Inspirada pelo fanatismo religioso, tal intolerância tornaram alvos comuns membros da classe intelectual, a exemplo dessas quatro vítimas.

Padrões

No total, houve 19 casos de arquivistas mortos por razões políticas. Ao rever estes casos, devo primeiro enfatizar que, ao condenar com veemência o assassinato de arquivistas, não compartilho necessariamente de suas opiniões e crenças, sejam elas históricas ou não. Antes de procurar padrões, devemos notar brevemente alguns dos problemas relacionados à busca de casos relevantes de assassinatos políticos. Havia muitas lacunas nos dados; alguns casos podem ter escapado à atenção deste autor por uma série de razões, em particular o fato de que boa parte dos assassinatos políticos tende a ocorrer em segredo. Além disso, é difícil fazer a distinção entre arquivistas e historiadores em busca de fontes: Riazanov, Siemieński, Ringelblum e outros não eram apenas arquivistas produtivos, mas também historiadores no sentido estrito do termo. Ao mesmo tempo, com sua dedicação ao longo da vida à coleta de textos, historiadores como Dubnov ou Schiper aproximam-se muito da qualificação de arquivistas. Por outro lado, pode haver um ou dois falsos positivos na lista dos 19 arrolados — pessoas que, em um exame mais minucioso, não podem ser chamados arquivistas. Por exemplo, nas escassas informações sobre Aboulkacem, ele foi chamado de arquivista em um relatório e de pesquisador em outro. E, para citar dois outros casos, Ali Salih e Ahmed Salih trabalharam na biblioteca ou no ramo de arquivos da Biblioteca e Arquivos Nacionais iraquianos? Como estes e outros exemplos mostram, a linha divisória entre bibliotecários e arquivistas era muitas vezes tênue. Eliminar falsos positivos reduziria a lista, mas se adicionássemos, por exemplo, alguns dos arquivistas voluntários que auxiliaram

o trabalho de Ringelblum e morreram, esse número aumentaria novamente. E se novas listas de mortos contendo detalhes profissionais, como no caso afegão, forem desenterradas?

Aparentemente, nenhum assassinato político de arquivistas ocorreu antes de 1934; todos ocorreram entre 1934 e 2007, abrangendo sete décadas. Essa limitação temporal é estranha porque é quase impossível que não houvesse arquivistas entre os produtores de história mortos por razões políticas antes de 1934; ou os casos não foram detectados ou as profissões ligadas àqueles que foram identificados como casos pré-1934 não cobriam explicitamente o aspecto arquivístico.

É bem provável, então, que o total de 19 arquivistas subestime seriamente os números reais. Em vista dessa lacuna básica, quaisquer padrões sinalizados aqui devem ser vistos como mera conjectura documentada. Se compararmos o período de 1934 a 1945, bem como o período pós-1945, o primeiro reúne nove casos e o último, dez, tornando o período de 1934 a 1945 o mais mortífero. Apenas cinco dos 19 arquivistas foram mortos após 1989 (ao fim da Guerra Fria), todos eles no Sul (na Argélia e no Iraque). Em contraste com os 14 casos anteriores a 1989, esses cinco casos foram obra de agentes não-estatais. Quando reunimos o conjunto de regimes comunistas, registram-se sete baixas (a URSS tirou a vida de três deles, assim como o Afeganistão). A Alemanha nazista e a Itália ocupada pelos nazistas, a Tchecoslováquia e a Polônia também têm um total de sete baixas, enquanto o Iraque pós-Saddam tem quatro. Todos os arquivistas eram do sexo masculino. Daqueles cuja idade era conhecida, o mais velho era Loevinson (80 anos) e Aboulkacem, o mais jovem (30 anos). Novamente, devido aos pequenos números, nenhuma tendência firme pode ser inferida disso.

Vários dos 19 arquivistas eram figuras nacionais bem conhecidas, entre elas Riazanov, Siemieński, Ringelblum e Kalmanovitch. A maioria dos outros parece desconhecida fora de seus contextos locais. Riazanov e Stus ganharam reputação no exterior, embora a reputação deste último não tenha sido por seu trabalho em arquivo. Alguns, como Ringelblum, von Rabenau e Stus, tornaram-se mais famosos depois de mortos do que em vida. Somente no caso Ringelblum esse conhecimento estava relacionado a suas iniciativas de arquivo, que receberam muita admiração póstuma.

Em sete casos, os motivos para os assassinatos foram principalmente políticos: Riazanov e Drezen foram mortos por se desviarem da linha stalinista; Gerlich e von Rabenau, pela oposição militante ao nazismo; Siemieński, por seu patriotismo polonês; Stus foi condenado por seu nacionalismo ucraniano e Borbáth, por sua perspectiva transilvânica e húngara. Em outros oito casos, a

religião desempenhou um papel importante: os afegãos Azam, Sakhi e Gol simpatizavam com doutrinas muçulmanas radicais, enquanto, em contraste, o argelino Aboulkacem morreu por causa de sua aparente associação com o secularismo. As quatro mortes ocorridas no Iraque foram provavelmente devido, em grande parte, à intolerância religiosa ao estudo e aprendizagem. Em três casos, a identidade étnico-religiosa foi o principal motivo: significou a morte para os judeus Loevinson, Kalmanovitch e Ringelblum. Mais de uma vez, houve casos de motivações combinadas. A obra literária de Stus e seu ativismo por direitos humanos convergiam com suas visões políticas e não podem ser negligenciados; o destino de Borbáth foi selado devido à combinação de atividades religiosas e para a minoria húngara na Romênia. E o engajamento político de Ringelblum desempenhou um papel maior de que sua identidade judaica.

Quatro dos dezenove arquivistas foram mortos por razões parcialmente relacionadas ao seu trabalho de arquivo: Riazanov, Borbáth, Kalmanovitch e Ringelblum. Isso perfaz 25% dos 16 casos (fora do total de 19) sobre os quais se sabe o suficiente para identificar um componente de arquivo no motivo do assassinato. Essa porcentagem, embora extraída de uma amostra extremamente pequena, corresponde aproximadamente à encontrada para os produtores de história em geral. Em outras pesquisas, estudei 133 produtores de história mortos por razões políticas depois de 1945 em detalhe e calculei que as mortes de 30 deles (23%) tinham alguma relação substancial com seu trabalho histórico.³⁵ Isso significa que a morte de um em cada quatro produtores de história, incluindo arquivistas, devido a razões políticas, teve alguma relação substancial com seu trabalho histórico.

Aproximando os quatro arquivistas, Riazanov foi acusado de maneira espúria por “atividades de demolição no front histórico”, um estigma que nunca deixou esse arquivista líder, que pagou com a própria vida pela recusa em fazer concessões. O cuidado de Borbáth com os arquivos de sua comunidade político-religiosa era intolerável no Estado ateu de Ceaușescu. Nas melhores tradições judaicas, Kalmanovitch e Ringelblum viram na coleta e preservação de arquivos e a documentação incessante da destruição de seu povo como uma arma de luta política. Eles até perceberam isso como um dever *existencial*: salvar a história da perseguição judaica para as gerações futuras de uma perspectiva privilegiada era, *em si*, uma questão de vida ou morte. Matar os detentores de registros ou produtores de história nem sempre impediu que seu legado se espalhasse. Este ensaio pretende, com efeito, render homenagem a esse legado.

Notas

- 1 Samuel Kassow, *Who Will Write Our History? Emanuel Ringelblum, the Warsaw Ghetto, and the Oyneg Shabes Archive* [subtítulo alternativo: *Rediscovering a Hidden Archive from the Warsaw Ghetto*] (Bloomington: Indiana University Press, 2007), p. 386.
- 2 “Diary of Saad Eskander, Director of the Iraq National Library and Archive: July 2007” (<https://www.webarchive.org.uk/wayback/archive/20100427133423/http://www.bl.uk/iraqdiary/iraqdiary07.html>): entrada em 31 de julho de 2007.
- 3 Uma primeira versão deste artigo apareceu como “Archivists Killed for Political Reasons”, *Comma: International Journal on Archives* (2013, nº 2), p. 123-134 (publicado em 2015) [com resumos em inglês: p. 154; francês: p. 160-161; alemão: p. 166; espanhol: p. 172-173, russo: p. 178-179, árabe: p. 181, e chinês: p. 189-190], a convite gentil de Margaret Procter, editora-chefe de *Comma*. Sou grato também a Jens Boel, arquivista da Unesco, a Joan van Albada, secretária-geral do Conselho Internacional de Arquivos (ICA) de 1998 a 2008, e a Trudy Huskamp Peterson, presidente do Grupo de Trabalho de Direitos Humanos da ICA, que me enviou comentários críticos depois da publicação. A versão atual é atualizada e expandida e será publicada em inglês como um capítulo no meu livro *Crimes Against History* (Londres: Routledge, [2019]). Todos os sites mencionados neste ensaio foram consultados pela última vez em 20 fevereiro de 2018.
- 4 Para uma pesquisa, veja Antoon De Baets, “Archives”, em Derek Jones, ed., *Censorship: A World Encyclopedia* (Londres e Chicago: Fitzroy Dearborn, 2001), p. 76-82.
- 5 Duas outras categorias relevantes — desaparecimento forçado e morte pós-prisão como resultado direto de maus-tratos — não eram aplicáveis aqui.
- 6 Em alguns casos, houve informações insuficientes para decidir sobre a inclusão. Por exemplo, em 5 de fevereiro de 1983, 18 pessoas (incluindo três soldados, um porteiro, um operador de telefone e a esposa do diretor do arquivo atacado) morreram no bombardeio do Centro de Pesquisa Palestino, contendo os maiores arquivos palestinos do mundo, no oeste de Beirute. Não se verificou se havia arquivistas entre as vítimas. Veja Thomas Friedman, “18 Die in Bombing at P. L. O.’s Center in Western Beirut,” *New York Times* (6 de fevereiro de 1983). Os seguintes casos não foram incluídos na minha lista: (1) Symon Petliura (1879-1926), escritor e político ucraniano, assassinado em Paris (apenas em um momento em particular, em 1903, ele ajudou a catalogar documentos do Exército Cossaco de Kuban, sob supervisão do estatístico e historiador Fedir Shcherbyna); (2) Sofia Kotsyna (1873-[depois de 1940]), historiadora, bibliotecária e arquivista de Białystok, Polônia (não é certo se ela morreu no Holocausto; ver <http://collections.ushmm.org/search/catalog/irn37313>; 2009); (3) Jiří Fiedler (1935-2014), que documentou a herança local e a história dos judeus em terras tchecas (seu assassinato não foi político).
- 7 “Front histórico” é um velho termo leninista-stalinista para indicar que a profissão histórica não constituía um simples ramo do conhecimento, mas era mobilizada por Joseph Stalin em uma *guerra* contra os inimigos do leninismo-stalinismo. Nesse caso, os inimigos eram os mencheviques. Riazanov foi acusado de ser um menchevique.
- 8 Sobre Riazanov [também escrito Ryazanov]: <http://www.marxists.org/archive/riazanov/index.htm> (não confiável para a história de seus últimos anos); John Barbeiro *Soviet Historians in Crisis, 1928-1932* (Londres e Basingstoke: Macmillan, 1981), p. 121-122, 140; Richard Day e Daniel Gaido, eds., *Witnesses to Permanent Revolution: The Documentary Record* (Leiden: Brill, 2009), p. 67-70; Joseph Wieczynski, ed., *The Modern Encyclopedia of Russian and Soviet History* (Gulf Breeze, FL: Academic International Press), volume 31 (1983), p. 85-87.
- 9 Denis Kozlov, “Gulf Breeze, FL: Academic International Press”, em Axel Schneider e Daniel Woolf, eds., *The Oxford History of Historical Writing*, volume 5, *1945 to Present* (Oxford: Oxford University Press, 2011), p. 376; Viktor Paneiakh, “The Political Police and the Study of History in the USSR”, em Marsha Siefert, ed., *Extending the Borders of Russian History: Essays in Honor of Alfred J. Rieber* (Budapest e Nova Iorque: Central European University Press, 2003), p. 310.

- 10 Site sobre Gerlich (em inglês): <http://www.gerlich.com>; “Fritz Gerlich”, *Wikipédia* (http://en.wikipedia.org/wiki/Fritz_Gerlich).
- 11 “The Murder of General Friedrich von Rabenau: When, Where and How Did It Happen?” (<http://cryptocellar.org/Rabenau>; 2007); “Totenliste,” *Historische Zeitschrift*, 169 (1949), p. 452; “Friedrich von Rabenau”, *Wikipédia* (http://en.wikipedia.org/wiki/Friedrich_von_Rabenau).
- 12 Para Simsov, veja <http://digitalassets.ushmm.org/photoarchives/detail.aspx?id=1172526&search=%22jaroslav+simsov%22&index=2>; para Loewinson, veja <http://www.giulianovanews.it/2015/01/mostra-documentaria-ermanno-loevinson-un-archivista-vittima-della-shoah>.
- 13 Kassow, *Who Will Write Our History*, p. 66–67; “Joseph Siemieński”, *Wikipédia* (http://en.wikipedia.org/wiki/Józef_Siemieński).
- 14 “Kalmanovitch, Zelig,” *The YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe* (http://www.yivoencyclopedia.org/article.aspx/Kalmanovitch_Zelig); “Kalmanovitch, Zelig,” *Biblioteca Virtual Judaica* (<http://www.jewishvirtuallibrary.org/kalmanovitch-zelig>).
- 15 Para Ringelblum e Oyneg Shabes, veja: <http://www.yadvashem.org/yv/en/exhibitions/ringelblum> (nota de nome com erros ortográficos; link instável); Kassow, *Who Will Write Our History*, passim. Veja também Israel Gutman, ed., *Emanuel Ringelblum: The Man and the Historian* (Jerusalém: Yad Vashem Publications, 2006).
- 16 Quando, na década de 1950, Alfred Sloane queria editar e traduzir o diário de Ringelblum, ele foi obrigado a usar uma versão do texto censurada e pró-comunista, publicada pelo Instituto Histórico Judaico em Varsóvia, porque não lhe foi dado acesso ao diário original em Varsóvia, nem à cópia mantida por Josef Kermish, o arquivista do Yad Vashem em Jerusalém. A edição censurada foi publicada sem passagens cruciais em que Ringelblum havia mencionado o campo de extermínio de Sobibor e perguntou por que os judeus foram como ovelhas para o abate. Dez anos depois, Kermish inseriu os fragmentos perdidos em páginas amarelas especiais em um volume de *Yad Vashem Studies*. Ver Raul Hilberg, *The Politics of Memory: The Journey of a Holocaust Historian* (Chicago: Ivan R. Dee, 1996), p. 176-178.
- 17 Sobre Schiper (1884-1943), veja: “Schiper, Ignacy,” *The YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe* (http://www.yivoencyclopedia.org/article.aspx/Schiper_Ignacy). Outra das fontes de inspiração de Ringelblum, o historiador Meir (Majer) Bałaban (1877-1942), morreu de um ataque cardíaco no Gueto de Varsóvia.
- 18 Kassow, *Who Will Write Our History*, p. 210.
- 19 Kassow, *Who Will Write Our History*, p. 7, 210–212. O bibliotecário polaco-judeu Herman Kruk (1897-1944), por exemplo, manteve uma crônica sobre a vida no gueto de Vilnius e nos campos de concentração estonianos de Klooga e Lagedi durante a Segunda Guerra Mundial. Ele foi executado em 18 de setembro de 1944, um dia antes da libertação do campo de Lagedi. “Herman Kruk”, *Wikipédia* (http://en.wikipedia.org/wiki/Herman_Kruk). Outro caso é do dramaturgo e jornalista austríaco-judeu Oskar Rosenfeld (1884-1945), que narrou a vida no gueto de Lodz, Polônia, entre 1942 e 1944, e morreu em Auschwitz. Veja o seu *In the Beginning Was the Ghetto: Notebooks from Lodz* (alemão 1994; inglês 2003). Veja também o caso da Brigada de Papel YIVO de Vilnius (Vilna) durante a Segunda Guerra Mundial e do bibliotecário lituano Antanas Ulpis: “YIVO Announces Discovery of 170,000 Lost Jewish Documents Thought to Have Been Destroyed during the Holocaust” (<https://vilnacollections.yivo.org/Discovery-Press-Release>; 24 de outubro de 2017).
- 20 Wiczynski, ed., *Modern Encyclopedia*, volume 10 (1979), p. 22–24; Herbert Strauss e Werner Röder, eds., *International Biographical Dictionary of Central European Emigrés 1933-1945*, Volume 2 (Munique: Saur, 1983), p. 228-229.
- 21 Ilya Ehrenburg e Vasily Grossman, *The Black Book: The Ruthless Murder of Jews by German-Fascist Invaders throughout the Temporarily-Occupied Regions of the Soviet Union and in the Death Camps of Poland during the War of 1941–1945* (New York: Holocaust Library, 1981), p. 310-311.

- 22 Sophie Dubnov-Erich, *The Life and Work of S. M. Dubnov: Diaspora Nationalism and Jewish History* (originalmente 1950; Bloomington e Indianápolis: Indiana University Press, 1991), p. 245-247 (citação na p. 247).
- 23 Veja também Antoon De Baets, "Resistance to the Censorship of Historical Thought in the Twentieth Century", em Solvi Sogner, ed., *Making Sense of Global History: The 19th International Congress of Historical Sciences – Commemorative Volume* (Oslo, Universitetsforlaget, 2001), p. 389 [também disponível via: <http://www.oslo2000.uio.no/program/papers/m3c/m3c-baets.pdf>].
- 24 População de fala alemã que tradicionalmente vivia na região correspondente ao norte, sul e oeste da ex-Tchecoslováquia [nota da revisão técnica].
- 25 "Dritte Totenliste", *Historische Zeitschrift*, 170 (1950), p. 227; Stefan Lehr, "Gustav Pirchan (1881-1945): Ein Prager Historiker zwischen Deutschen und Tschechen", em Karel Hruza, ed., *Österreichische Historiker: Lebensläufe und Karrieren 1900-1945*, volume 2 (Viena: Böhlau, 2012), p. 329-331, 359.
- 26 Thomas Just, "Ludwig Bittner (1877-1945): Ein politischer Archivar", em Hruza, ed., *Österreichische Historiker*, volume 1 (2008), p. 283-284, 304-305.
- 27 Os casos dos bibliotecários Hugo Andres Krüss (1879-1945), em Berlim, e Paul Heigl (1887-1945; treinados como arquivistas), em Viena, ambos terminando em suicídio, eram comparáveis aos de Bittner.
- 28 Mathias Bernath e Felix von Schroeder, eds., *Biographisches Lexicon zur Geschichte Südeuropas*, volume 2 (Munique: Oldenburg 1976), p. 55-56; Peter Broucek, ed., *Ein General im Zwielfich: Die Erinnerungen Edmund Glaises von Horstenau*, volume 3 (Viena: Böhlau, 1988), p. 51-58.
- 29 Halya Coynash, "When Silence Is a Crime (About Vasyl Stus)", *Human Rights in Ukraine: Information Website of the Kharkiv Human Rights Protection Group* (<http://khpg.org/en/index.php?id=1235467336>; 22 de fevereiro de 2009); *Index on Censorship* (1972, no. 1), p. 87, (1972, nos. 3-4), p. 123, (1973, no. 1), p. x, (1976, no. 2), p. 88, (1977, no. 3), p. 71, (1977, no. 4), p. 13-14, (1979, no. 1), p. 64, (1980, no. 5), p. 68, (1981, no. 1), p. 78, (1985, no. 6), p. 60, (2010, no. 4), p. 146.
- 30 Martyn Rady, "Transylvanian Libraries and Archives in Contemporary Romania," *Journal of the Society of Archivists*, 12, n. 2 (1991), p. 125-126; "Charles Borbáth, *O Vikipedio, libera enciklopedio* [Esperanto] (http://eo.wikipedia.org/wiki/Károly_Borbáth).
- 31 "Afghanistan Death Lists" (https://www.om.nl/publish/pages/24240/dodenlijst_engels.pdf; 1989).
- 32 *Index on Censorship* (1996, nº 2), p. 80, (1997, nº 2), p. 79.
- 33 "Diary of Saad Eskander, Director of the Iraq National Library and Archive: 10-16 November, 2006" (<https://www.webarchive.org.uk/wayback/archive/20100427133418/http://www.bl.uk/iraqdiary/iraqdiary11.html>): entrada para 20 de novembro de 2006; idem, "Dezembro de 2006" (<https://www.webarchive.org.uk/wayback/archive/20100427133414/http://www.bl.uk/iraqdiary/iraqdiary12.html>): entrada para 23-28 de dezembro de 2006; O mesmo acontece, "fevereiro de 2007" (<https://www.webarchive.org.uk/wayback/archive/20100427133417/http://www.bl.uk/iraqdiary/iraqdiary02.html>) Em: entrar por 8-12 fevereiro de 2007. Além dos arquivistas mencionados no texto, pelo menos dois outros funcionários do INLA (o primeiro especialista em informática, o segundo guarda) e três dos motoristas que trabalham com o INLA foram assassinados. Eles não foram incluídos na minha análise.
- 34 International Federation of Journalists (IFJ), *Journalism Put to the Sword in 2006: The IFJ Report on Journalists and Media Staff Killed* (ifj-safety.org/assets/docs/036/061/bb56224-820a53d.pdf; Bruxelas: IFJ, 2007), p. 44.
- 35 Antoon De Baets, "Historians Killed for Political Reasons," in idem, *Crimes Against History* (London: Routledge, [2019]).